

IDEOLOGIA, IMPLOÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E ASPIRAÇÕES FEMININAS: UMA LEITURA DE "3 POEMAS COM AUXÍLIO DO GOOGLE", DE ANGÉLICA FREITAS

DOI:

Patrick Araújo Pereira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul - Brasil
c.patrick.araujo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8007-922X>

Altamir Botoso
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul - Brasil
abotoso@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

RESUMO: Pensar o social, fazer boa literatura, problematizar novas tecnologias e antigos preconceitos; todas essas coisas parecem ser, individualmente, difíceis de serem alcançadas. Entretanto, Angélica Freitas logra esse feito na seção 5, intitulada de "3 Poemas com Auxílio do Google", de seu curto livro *Um útero é do tamanho de um punho*. Este artigo tem por objetivo estudar como a relação da estrutura dos poemas e da escolha do método "googlagem" almejam uma crítica ideológica, não buscando uma verdade a ser desvelada, mas sim, uma problematização da ideologia pela mesma forma com a qual ela se apresenta. Nesse contexto, a ideologia buscaria obnubilar-se em estigmas socialmente regimentados. Dessa forma, ao utilizar o Google como uma ferramenta de perscrutação do social, Angélica Freitas ressignifica o discurso ideologicamente marcado pela aparência de uma verdade que, socialmente aceita, reforça o preconceito e a misoginia na sociedade contemporânea. Utilizar-se-ão os seguintes teóricos como amparo para as análises: Baudrillard (2004), Bosi (1977), Hayashi (2015), Zizek (1996) dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia. Angélica Freitas. *Um útero é do tamanho de um punho*. Literatura brasileira. Poesia.

IDEOLOGY, IMPLOSION OF STEREOTYPES AND FEMALE ASPIRATIONS: A READING OF "3 POEMAS COM AUXÍLIO DO GOOGLE", BY ANGÉLICA FREITAS

ABSTRACT: Thinking about the social, creating good literature, problematizing technologies and old prejudices; all these things seem to be individually difficult to achieve. However, Angélica Freitas achieves this feat in section 5, entitles "3 Poemas com Auxílio do Google", from her short book *Um útero é do tamanho de um punho*. This article aims to study how the relationship between the structure of the poems and the choice of the "googling" method aim at an ideological critique, not seeking a truth to be unveiled, but rather, problematizing ideology through the same form in which it presents itself. In this context, ideology would seek to obscure itself in socially regimented stigmas. Thus, by using Google as a tool to scrutinize the social, Angélica Freitas reinterprets the ideologically marked discourse that, socially accepted, reinforces prejudice and misogyny in contemporary society. The following theorists will be used as support for the analysis: Baudrillard (2004), Bosi (1977), Hayashi (2015), Zizek (1996) among others.

KEYWORDS: Ideology. Angélica Freitas. *Um útero é do tamanho de um punho*. Brazilian literature. Poetry.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Angélica Freitas nasceu no ano de 1973 em Pelotas-RS. Escritora e tradutora, suas principais obras são: *Rilke Shake* (2007), *Um útero é do tamanho de um punho* (2012) e *Canções de atormentar* (2020).

O livro *Um útero é do tamanho de um punho* encontra-se dividido em sete partes: “Uma mulher limpa”, “Mulher de”, “A mulher é uma construção”, “Um útero é do tamanho de um punho”, “3 poemas com o auxílio do Google”, “Argentina” e “O livro rosa do coração dos trouxas”.

Cada uma dessas partes começa por um motivo central que se “desdobra em poemas que se comunicam uns com os outros” e, em síntese, a obra explora e apresenta uma discussão feminista, aproximando-se dos meios digitais e trazendo tipos variados de versos, “que exploram passagens narrativas, repetições criativas e fazem uma crítica contundente a estereótipos de gênero” (Hanzen, 2023, n. p.).

No artigo “Todos nós googlamos: a dialogia na poesia de Angélica Freitas”, Robert Schade e Vitória Ravagio Pais (2023, p. 30, grifos dos autores) assinalam aspectos importantes a respeito da poética da autora de *Canções de atormentar*.

Quando pensamos em poesia, a associamos imediatamente à ideia de inovação, de um minucioso trabalho sobre as palavras capaz de criar novos sentidos, subvertendo, a partir da combinação inusual dos signos, a linguagem cotidiana. Assim, o que se espera ouvir ecoar no poema é a voz do poeta, única e tonitruante em sua originalidade. Mas em poetisas como Angélica Freitas não é necessariamente através do novo, do original, que se produz a *estranhalização* que Chklóvski (2019) define como característica do discurso poético e que nos leva a desautomatizar nossa percepção. Na verdade, é justamente a partir do pastiche, dos lugares-comuns, dos chavões, da linguagem midiática e dos preconceitos arraigados na sociedade que ela trabalha, obtendo um resultado não simplório ou panfletário, como acusam alguns de seus críticos, mas inteligentemente sarcásticos e ferozes.

Diferentemente daquilo que se considera como original, singular e único para se valorar a produção de um poeta, Freitas é uma autora que se vale do pastiche e de elementos conhecidos pelo leitor para edificar a sua poética, atingindo excelentes resultados e se firmando como uma poeta de qualidade no cenário da poesia brasileira contemporânea.

Deve-se agregar ao exposto, que Angélica Freitas considera a poesia como uma, dentre tantas outras formas, de investigação sobre a linguagem e o mundo e, em consonância com esse postulado, a referida escritora

deu origem a um procedimento que denominou *googlagem*. Aglutinação das palavras “Google” e “colagem”, a técnica surgiu casualmente no dia em que a poeta decidiu pesquisar no Google acerca do episódio em que Paul Verlaine sacou um revólver e deu um tiro em Arthur Rimbaud.¹ A partir dos resultados

1 Em 8 de agosto de 1873, um tribunal de Bruxelas emite o veredicto, condenando o poeta Paul Verlaine, 29 anos, a dois anos de prisão por ter disparado dois tiros contra Arthur Rimbaud, também poeta, 19 anos, que era seu amante havia dois anos. Para Verlaine, era difícil suportar a perda do amor de seu companheiro. (Altman, 2021, n. p.).

encontrados, em inglês, ela compôs o poema *love (a collage)*, sua primeira *googlagem* (Schade; Pais, 2023, p. 31).

Tal procedimento vai se popularizar em seu livro *Um útero é do tamanho de um punho*, o qual possibilitou que o nome da autora gaúcha se tornasse conhecido em todo o nosso país. Diferentemente do livro *Rilke Shake*, a coletânea mencionada acima foi concebida a partir de uma questão que a norteou:

o que é ser mulher? Sempre que questionada sobre a origem do livro, Angélica afirma que ele surgiu de uma série de inquietações. Uma delas é que não encontrava na literatura de autoria feminina no Brasil poemas que fizessem essa reflexão sobre o que é ser mulher, e os que encontrava considerava insatisfatórios. Outra foi o fato de ter vivido durante um tempo na Argentina, em 2007, ocasião em que conviveu com um grupo de mulheres feministas numa época em que declarar-se feminista era algo incomum. A partir daí, começou a questionar-se sobre os preconceitos instaurados na linguagem, sobre a conduta esperada das mulheres e tudo que precisam relevar para conviver em sociedade (Schade; Pais, 2023, p. 32).

Além dos fatos relacionados à temática do seu segundo livro, é válido ressaltar uma curiosidade sobre o seu título. No período em que esteve na Cidade do México, ela acompanhou uma amiga que ia fazer um aborto e deparou-se com senhoras católicas, que tentavam convencer as mulheres, que ali se encontravam, a não realizarem o aborto (Shade; Pais, 2023, p. 32). Diante de tal situação, Freitas passou a se questionar sobre quem teria o direito de mandar no corpo feminino e foi pesquisar no Google para descobrir as formas e as maneiras pelas quais se falava a respeito da mulher:

Cheguei em tudo quanto é tipo de texto. Queria saber quais palavras eram usadas, até material de medicina consultei. Daí cheguei na frase “um útero é do tamanho de um punho fechado”. Fiquei com ela na cabeça e acabei escrevendo o poema que dá título ao livro em uma sentada só (Freitas *apud* Shade; Pais, 2023, p. 32).

Não resta dúvida, portanto, que a obra *Um útero é do tamanho de um punho* volta-se para questões que perpassam o âmbito feminino com todas as suas peculiaridades e idiosincrasias. Levando em conta o que se expôs acima, o foco deste artigo é analisar os poemas que fazem parte da seção 5 do referido livro: “3 poemas com o auxílio do Google”, os quais, em conformidade com Shade e Pais (2023, p. 32), foram construídos inteiramente a partir de frases recortadas de textos da internet e organizadas em sequência pela sua autora, enfatizando aspectos relacionados à ideologia, à quebra de estereótipos de gênero e aos desejos e demandas relativas ao universo feminino na nossa contemporaneidade.

DE VÍTIMA A VILÃ: METAMORFOSES DO FEMININO

Na análise que se propõe efetuar aqui, o escopo é demonstrar que o trabalho de Angélica Freitas, apesar de ser marcadamente feminista, se relaciona com temas diversos

como a própria estrutura tradicional de poemas. A crítica à ideologia é também um ponto nevrálgico dos poemas que serão analisados. Observe-se, a esse propósito, o poema de abertura e sua respectiva construção semântica das esferas de significado. Nota-se que, evidentemente, a autora busca desnaturalizar a estrutura regimentar dos preconceitos por ela mesma. Desta forma, a análise da estrutura como fator primordial, para além do conteúdo, se faz latente e necessária. A seguir, parte-se para a análise do primeiro dos 3 poemas que compõem a referida seção mencionada.

a mulher vai

- 1 a mulher vai ao cinema
 - 2 a mulher vai aprontar
 - 3 a mulher vai ovular
 - 4 a mulher vai sentir prazer
 - 5 a mulher vai implorar por mais
 - 6 a mulher vai ficar louca por você
 - 7 a mulher vai dormir
 - 8 a mulher vai ao médico e se queixa
 - 9 a mulher vai notando o crescimento do seu ventre
 - 10 a mulher vai passar nove meses com uma criança na barriga
 - 11 a mulher vai realizar o primeiro ultrassom
 - 12 a mulher vai para a sala de cirurgia e recebe a anestesia
 - 13 a mulher vai se casar ter filhos cuidar do marido e das crianças
 - 14 a mulher vai a um curandeiro com um grave problema de hemorroidas
 - 15 a mulher vai se sentindo abandonada
 - 16 a mulher vai gastando seus folículos primários
 - 17 a mulher vai se arrepender até a última lágrima
 - 18 a mulher vai ao canil disposta a comprar um cachorro
 - 19 a mulher vai para o fundo da camioneta e senta-se choramingando
 - 20 a mulher vai colocar ordem na casa
 - 21 a mulher vai ao supermercado comprar o que é necessário
 - 22 a mulher vai para dentro de casa para preparar a mesa
 - 23 a mulher vai desistir de tentar mudar um homem
 - 24 a mulher vai mais cedo para a agência
 - 25 a mulher vai pro trabalho e deixa o homem na cozinha
 - 26 a mulher vai embora e deixa uma penca de filhos
 - 27 a mulher vai no fim sair com outro
 - 28 a mulher vai ganhar um lugar ao sol
 - 29 a mulher vai poder dirigir no afeganistão
- (Freitas, 2012, p. 55)

A anáfora que marca esse poema, sempre com a repetição – que também é uma opção – transforma a ferramenta de pesquisa em um instrumento de prospecção social. O verbo “vai” no presente do indicativo marca uma ação presente, mas com vistas futuras. Isso busca delimitar tudo que a mulher *vai* fazer, sempre sob um viés de delimitar e estigmatizar as mulheres em geral – mesmo com sinalizações para uma liberdade futura. O corpo, o prazer, o óvulo, as pressões exercidas sob as mulheres são lançadas de maneira clara aos olhos do leitor. Essas repetições de “a mulher vai” poderiam resultar em

qualquer ação, mas essas ações são marcadas. Ao mesmo tempo em que o poema abre as possibilidades, ele as encerra logo em seguida, para delimitar, pelos resultados da ferramenta de busca, que são trabalhados pela poeta de maneira primorosa. Vale ressaltar que, segundo Hayashi (2015), “O poema não é composto pelos algoritmos do Google; a poeta apenas se aproveita do que encontra no espaço digital, oriundo do discurso social” (Hayashi, 2015, p. 103).

Vemos, no poema de abertura, um caráter autoevidente e denotativo, como o contexto geral do livro de Angélica Freitas. Incide sob os poemas a discussão de gênero social. Conforme apresentado por Hayashi (2015), o primeiro poema destoa dos dois demais. Além disso, o crítico chega a uma conclusão interessante sobre uma presumível libertação que ocorreria pela poesia. A esse respeito, veja-se a seguinte ponderação do referido estudioso:

Pode-se argumentar que pela poesia se abre a oportunidade de uma mudança social, porque, se é possível questionar valores estancados num poema, há chances de que assim o seja na sociedade. Uma revolução nas relações humanas exige também uma revolução na linguagem. Se não for possível na sociedade, ao menos é possível num poema (Hayashi, 2015, p. 108).

Ora, os poemas de Angélica Freitas, de maneira conotativa, contestam os valores sociais vigentes e abrem uma grande janela para essas questões. No entanto, deve-se ter em mente que esta relação é mais complicada, devido ao contexto em que a sociedade está inserida historicamente. Este contexto não pode ser controlado diretamente, daí advém a abertura desta parte do livro com um poema que recebe o título de “a mulher vai”, para logo dar as diversas possibilidades – positivas e negativas. Analisando o verso 1, vê-se uma abertura inocente, “a mulher vai ao cinema”, para logo em seguida, nos versos que vão da linha 2 até a 5, instaurar-se a desconfiança e o desejo, que incidem sob a figura feminina. Primeiro a desconfiança de que “a mulher vai aprontar”, esse pensamento é comum na cultura ocidental, que considera a mulher como “a corruptora”, fruto da discórdia, ou mesmo como um ser mais volátil em comparação com os homens.

Isto é demarcado na tradição bíblica, na qual Eva é a primeira a se corromper; em *McBeth*, de Shakespeare, Lady Mcbeth é uma vilã corruptora, ou em *Hamlet*, no qual a fraqueza moral de Gertrudes – mãe de Hamlet –, faz com que ela se deixe enganar e seduzir por Cláudio – tio de Hamlet –, percebendo isso, o protagonista dessa obra comenta: “Fragilidade, o teu nome é mulher!” (Shakespeare, 2014, p. 24). O mesmo acontece em *Rei Lear*, peça na qual duas das 3 filhas do velho rei se deixam encantar pelo vil Edmundo, fazendo com que a corrupção moral assale a todos. Se voltarmos os olhos para a literatura brasileira, pode-se pensar na forma com que Capitu é vista e descrita por Bentinho, nas mulheres descritas por Aluísio de Azevedo em *O cortiço*, ou em *Senhora* de José de Alencar. Exemplos não faltam, a representação da mulher é sempre ambígua.

A mulher é sempre vista com desconfiança e desejo, cúmplice da queda do homem, pura e impura. Chegando ao verso 3, “a mulher vai ovular”, é plausível considerar que o termo científico acaba desumanizando o sujeito, uma vez que o ato de ovular demonstra

a finalidade reprodutiva ligada às mulheres no geral, incluindo o fato de que uma mulher deveria ser, inexoravelmente, mãe. Isto se reflete dentro do próprio poema, no qual, dos versos 8 até o 13, é tratado o tema da gestação e da maternidade. Isso leva a uma construção dialética dentro do próprio poema, no qual o verso 3 concorda com aquilo que vem expresso no 13, no qual se encontra sua conclusão. Sendo assim, o verso “a mulher vai ovular” é a consequência do que irá ocorrer em sua existência: “a mulher vai se casar ter filhos cuidar do marido e das crianças”. Para além do fato de estar posicionado no verso 13, tido como número de azar em muitas culturas – podendo ou não ser intencional, seria uma coincidência formidável para uma poeta e tradutora tão experiente como Angélica Freitas que, à sua maneira, termina desconstruindo os estereótipos femininos e pondo em relevo as mazelas que permeiam o universo da mulher.

Observa-se que a autora brinca com os preconceitos naturalizando-os. Expõe algo que seria, em si, considerado como alguma coisa conhecida, vivida no cotidiano feminino. Ora, faz-se claro e *natural* quando na verdade isso não o é, já que a redução do corpo feminino para a procriação e para o casamento é uma falácia do sistema patriarcal, que tenta reduzir o feminino e subjugar-lo a qualquer preço.

O poema é cheio de intencionalidades, no entanto, chega ao leitor como recorte de uma googlagem. Dessa forma, a autora brinca com os preconceitos e leva-os ao ridículo – de modo bastante evidente, para ao seu final, a partir do verso 23 até o 29, expor uma mensagem de superação e libertação das mulheres. A mulher desiste de mudar o homem – verso 23 –, e vai dirigir no Afeganistão – verso 29. Isto é importante de ser pontuado, pois se verifica a construção e o encaminhamento do leitor para desnaturalizar o natural, é um procedimento riquíssimo utilizado pela poeta. Neste poema de abertura, observa-se a mensagem de luta e superação pela libertação feminina, o que está de acordo com o título do livro no qual se encontra esse poema supracitado: *Um útero é do tamanho de um punho*. A suposta fraqueza feminina, os preconceitos sofridos, os estigmas sociais são armas utilizadas para lutar contra os mesmos. Angélica Freitas aplica um método de implosão, ela trabalha internamente os preconceitos, implodindo-os. Na sequência, será analisado o segundo poema que compõe a seção 5 do livro da escritora gaúcha.

ENTRE PENSAMENTOS E EMOÇÕES: DILEMAS FEMININOS

a mulher pensa

- 1 a mulher pensa com o coração
- 2 a mulher pensa de outra maneira
- 3 a mulher pensa em nada ou em algo muito semelhante
- 4 a mulher pensa será em compras talvez
- 5 a mulher pensa por metáforas
- 6 a mulher pensa sobre sexo
- 7 a mulher pensa mais em sexo
- 8 a mulher pensa: se fizer isso com ele, vai achar que faço com todos
- 9 a mulher pensa muito antes de fazer besteira
- 10 a mulher pensa em engravidar

- 11 a mulher pensa que pode se dedicar integralmente à carreira
 12 a mulher pensa nisto, antes de engravidar
 13 a mulher pensa imediatamente que pode estar grávida
 14 a mulher pensa mais rápido, porém o homem não acredita
 15 a mulher pensa que sabe sobre homens
 16 a mulher pensa que deve ser uma “supermãe” perfeita
 17 a mulher pensa primeiro nos outros
 18 a mulher pensa em roupas, crianças, viagens, passeios
 19 a mulher pensa não só na roupa, mas no cabelo, na maquiagem
 20 a mulher pensa no que poderia ter acontecido
 21 a mulher pensa que a culpa foi dela
 22 a mulher pensa em tudo isso
 23 a mulher pensa emocionalmente
 (Freitas, 2012, p. 56)

Nota-se de maneira clara o mesmo efeito lógico do poema anterior. O que a mulher pensa? E como pensa? Essas seriam as perguntas básicas feitas ao “google” – a utilização do google como efeito retórico traz uma atmosfera do diálogo com o discurso social vigente. No verso 1, temos uma abertura que afirma como a mulher pensa: com o coração. Isto relega a mulher à condição de ser passional – *La donna è mobile*, título de uma ária escrita por Giuseppe Verdi (1813-1901), que pode ser aproximada do poema, no qual é possível observar o mesmo prisma dualista sobre as mulheres, que seriam seres passionais e traiçoeiros. Mas apesar dos preconceitos e dos estigmas, a mulher pensa de outra maneira – verso 2 –; no verso 5, encerra-se esse primeiro ciclo interno, ou seja, pensar por metáforas. Assim, demonstra-se a complexidade do pensamento feminino, muitas vezes ignorado pela sociedade que tende a limitá-los.

A partir do verso 6, o tema do sexo e do corpo feminino volta à tona. A mulher pensa sobre sexo, mas isso a caracteriza de maneira negativa diante da sociedade. Portanto, ela pondera muito antes de fazer algo – verso 9 –, até porque o peso social das atitudes femininas é maior do que aquele que se nota a respeito das atitudes e ações masculinas; para além das consequências de engravidar – verso 10, constata-se que todos os ônus recaem sobre a mulher, como se ela fosse a única responsável pelo ato sexual que culminou na gestação.

Por mais que se tente pensar em uma forma na qual ela se dedique integralmente a si mesma – verso 11 –, ela terá de contrabalancear isto com a gravidez, família e/ou “obrigações” para com a sociedade. Nesse sentido, Hayashi (2015) irá argumentar que:

O papel de mãe ocupa vários versos, seja na preocupação com uma possível gravidez, seja na preocupação em “ser uma ‘supermãe’ perfeita”. A preocupação com o trabalho também aparece num clichê que tanto pode ser lido como impossibilidade quanto como abertura para outra situação “a mulher pensa que pode se dedicar integralmente à carreira” (Hayashi, 2015, p. 95).

O dualismo permeia tanto os poemas desta seção como a própria figura feminina vista pela sociedade. Este Tabu² da mulher que pode ser ao mesmo tempo “pura” e “impura”, “santa” e “puta” e, por fim, caindo em estereótipos mais caricatos, “para casar” e “para transar”, evidenciam representações do feminino sob um viés patriarcal. Nota-se no verso 17, que a mulher pensa primeiro nos outros, ou seja, pensa primeiro no julgamento social e nas obrigações sociais que a figura feminina carrega. Destarte, a consequência disso pode ser notada no verso 21, “a mulher pensa que a culpa (de tudo isso) foi dela”. A conclusão do poema, após o eu-lírico pensar em tudo que foi descrito anteriormente – verso 22 –, por fim, reflete emocionalmente – verso 23 – sobre a situação feminina e seus dilemas. Vale enfatizar que, pensar emocionalmente não é o mesmo que pensar com o coração. O eu-lírico passa a pensar emocionalmente porque observou, no decorrer do poema, os estigmas que permeiam, como uma sombra, a figura feminina. Depois de pensar em tudo, emociona-se. Dessa maneira, verifica-se que o universo feminino tangencia esses dois polos, o do pensar e o do emocionar-se, os quais, como um pêndulo modulam as ações femininas e impactam as suas existências de forma indelével e perene. No prosseguimento deste artigo, será estudado o último poema que compõe a parte denominada de “3 Poemas com auxílio do Google”.

QUERERES FEMININOS

a mulher quer

- 1 a mulher quer ser amada
- 2 a mulher quer um cara rico
- 3 a mulher quer conquistar um homem
- 4 a mulher quer sexo
- 5 a mulher quer tanto sexo quanto o homem
- 6 a mulher quer que a preparação para o sexo aconteça lentamente
- 7 a mulher quer ser possuída
- 8 a mulher quer um macho que a lidera
- 9 a mulher quer casar
- 10 a mulher quer que o marido seja seu companheiro
- 11 a mulher quer um cavalheiro que cuide dela
- 12 a mulher quer amar os filhos, o homem e o lar
- 13 a mulher quer conversar pra discutir a relação
- 14 a mulher quer conversa e o botafogo quer ganhar do flamengo
- 15 a mulher quer apenas que você escute
- 16 a mulher quer algo mais do que isso, quer amor, carinho
- 17 a mulher quer segurança
- 18 a mulher quer mexer no seu e-mail
- 19 a mulher quer ter estabilidade
- 20 a mulher quer Nextel
- 21 a mulher quer ter um cartão de crédito
- 22 a mulher quer tudo

2 Aqui, têm-se como norte a definição freudiana da palavra Tabu, que abarcaria o sagrado e o profano em-si. Segundo o psicanalista o termo “tabu” “possui uma conotação que abrange igualmente ‘sagrado’ e ‘acima do comum’, bem como ‘perigoso’, ‘impuro’ e ‘misterioso’” (Freud, 1996, p. 40). O caráter dualista dos poemas da seção 5 □ “3 poemas com auxílio do google” □ refletem muito a dualidade que a imagem feminina carrega.

23 a mulher quer ser valorizada e respeitada
24 a mulher quer se separar
25 a mulher quer ganhar, decidir e consumir mais
26 a mulher quer se suicidar
(Freitas, 2012, p. 57)

Esse poema aponta para uma premissa trágica ao seu final, assinalando o querer feminino, que perpassa o desejo de um marido compreensivo e companheiro, família, filhos, trabalho, uma boa condição financeira, ser valorizada e respeitada, até almejar a morte. Os dois poemas anteriores diferenciam-se deste último face à intensificação que se expressa nele pelo verbo “querer” (tanto como verbo único quanto em perífrases). O poema “a mulher vai” carrega um tom de promessa futura, apesar de o verbo estar no presente; já “a mulher pensa” é uma construção poética que trata mais das dúvidas autorreflexivas da figura feminina.

Constata-se que “a mulher quer” é um poema que se direciona para uma afirmação do querer feminino, mesmo que delimitado por preconceitos e estigmas. Há influxos da libertação e da fuga do caráter exterior e normativo que são impostos à figura feminina. Inicialmente, – verso 1– a mulher quer ser amada, isto pode apontar para uma atitude inocente e pueril. Do verso 2 até o 4, percebe-se a mulher pelo prisma do homem, porém, depois da desilusão do primeiro contato, a mulher quer o sexo tanto quanto o homem – verso 5. Do verso 5 até o 7, essa vontade não é mais pueril, mas sim, consciente – do sexo por vontade própria. Do verso 8 até o 13, os temas são as relações amorosas e o casamento, que começam a dar errado a partir do verso 13. A mulher quer conversar, mas isso é secundarizado pelo verso 14, no qual ela busca o diálogo, mas a atenção masculina se volta para o futebol. Apesar disso, há uma nova tentativa no verso 15, quando a mulher quer apenas ser escutada.

Essas tentativas falham, e a partir do verso 16, a mulher quer mais do que lhe fora oferecido, ou seja, ela quer tudo – verso 22 –, isto a leva ao divórcio – v. 24. Segundo Hayashi (2015), “diante de um cenário em que os quereres são apreendidos pela lógica masculina, em que *a mulher quer tudo* porque tudo lhe é negado, a alternativa para escapar do sufocamento é o desejo de suicídio” (Hayashi, 2015, p. 98, grifo do autor), e isto é bem verdade, mas há também o caráter de libertação da historieta contada implicitamente pelo eu-lírico. Internamente há uma experiência de vida neste poema, que leva ao destino trágico.

Ora, é evidente que o eu-lírico conta uma história da experiência feminina, desde um primeiro contato inocente e pueril até as desilusões amorosas marcadas pela secundarização da vontade feminina diante da masculina. Por fim, alcança-se a maturidade, a separação, o querer além dos limites preconizados pelo patriarcado e, em última instância, pelas figuras masculinas. Os versos 25 e 26 são extremamente reveladores dos dilemas femininos, pois percebe-se que, ganhar, decidir e consumir mais, não necessariamente marcam sua libertação efetiva. A existência contínua é uma tragédia, por isso a mulher quer se suicidar – v. 26. Isto acarreta o desatino da vida, ao mesmo tempo em que

a liberdade de tirar ou não a própria vida é tomada pelas mãos do eu-lírico. A libertação última neste caso seria o poder de fazer consigo o que lhe aprouver. Além disso, esses versos finais mostram, também, o caráter ambíguo da liberdade – libertada da figura masculina, o que fazer? A decisão, obviamente, cabe a cada uma. A história trágica delineada por este último poema é bastante potente, já que desvela que a perda da inocência acaba no desatino da própria vida e a mulher deve enfrentar a liberdade do que fazer consigo mesma.

ACERCANDO-SE AO FEMININO: TECENDO E DESTECENDO IDEOLOGIAS

Ao longo das análises efetuadas nos tópicos anteriores foi possível contemplar, inicialmente, o emprego de verbos no presente do indicativo, conformando anáforas, em todos os poemas supramencionados. O referido tempo verbal marca uma ação presente e continua, no entanto, também o futuro, pois não é uma ação concluída. Note-se a diferença entre “a mulher vai” e “a mulher foi”, a título de explicação, apesar de óbvia e redundante, isso pode demarcar duas possibilidades para todos os poemas desta seção do livro de Angélica Freitas em análise: em primeiro lugar, uma promessa de libertação ainda não concluída, mas iniciada; em segundo, um ato que está decorrendo junto ao poema, transformando-o em algo autorreflexivo – apesar de esse caráter autorreflexivo exteriorizar-se numa crítica maior e mais contundente. As duas possibilidades, percebidas por esta análise – pois há de haver outras –, são interpretações válidas e podem muito bem estar interligadas.

Outro recurso interessante é a não utilização de palavras maiúsculas para demarcar o início das orações. Certamente isto se dá para demonstrar uma continuidade ou um discurso que perpassa e atravessa a sociedade. Isto é, aquele discurso não começa ali, não é o eu-lírico que o proclama. É algo que, no desdobrar-se da análise, permite crer que nasce antes do poema em si. O eu-lírico está tentando capturar e remodelar o discurso retirado de uma presumível googlagem. Por isto, considera-se esse recurso como importante para a compreensão do que quer ser dito –e não dito– pelo eu-lírico. O fato de ser uma googlagem faz com que o leitor inicialmente pense ser uma cópia, porém, não é um simples transporte. O título da seção já anuncia: “3 poemas com auxílio do google”, ou seja, o eu-lírico busca o auxílio do google para perscrutar o discurso social vigente e, dessa forma, contestá-lo e implodi-lo.

Outro fator a ser considerado é a síntese que todos os 3 poemas carregam, uma vez que eles dialogam internamente e externamente entre si. Assumindo uma ordem de importância, em uma pesquisa na rede social, os primeiros resultados da busca são sempre os mais procurados, ou seja, a libertação e as conclusões finais podem, também, ser entendidas como as menos vistas e mais distantes da realização. Outro ponto dessa distância focal é a trajetória do eu-lírico pelos versos do poema, ou seja, o eu-lírico cresce e se desenvolve no decorrer do poema até a autoafirmação. Esta atitude é um traço de maturidade que o eu-lírico adquire no decorrer de sua trajetória. É relevante notar as

escolhas da poetisa, Angélica Freitas, que é uma poetisa experiente, sendo assim, suas escolhas revelam o acerto e a preocupação com a expressão dos problemas que permeiam o âmbito feminino. As formas com as quais os poemas são expressos revelam um acerbamento e uma intimidade com a esfera feminina e as suas mazelas cotidianas. Nesse contexto, vale a pena evocar uma passagem do capítulo “Poesia e Resistência” do livro *O ser e o tempo da poesia*, de Alfredo Bosi:

Essas formas estranhas pelas quais o poético sobrevive em um meio hostil ou surdo, não constituem o ser da poesia, mas apenas o seu modo historicamente possível de existir no interior do processo capitalista. A árvore que, na falta de luz e calor, se esgueira por entre as sombras dos espinheiros que a oprimem e, magra, torta, aponta ao ar livre onde poderá receber algum raio de sol, não trouxe na raiz a fatalidade daquele perfil esquivo e revoltoso. A poesia moderna foi compelida à estranheza e ao silêncio. Pior, foi condenada a tirar só de si a substância vital. Ó indignância extrema, canto ao avesso, metalinguagem! (Bosi, 1977, p. 134)

Deve-se perguntar, onde está a estranheza do poema? Sua forma natural parece clara, e arrisca-se ao piegas e ao banal. A opção de Angélica Freitas é perigosa e, ao mesmo tempo, consegue lograr êxito nessa opção – que, diga-se de passagem, é um feito e tanto. O claro e o natural à primeira vista são desconstruídos e desnaturalizados conforme o decorrer dos poemas; o dito e o não-dito se confrontam violentamente no contexto dos seus versos. À maneira da árvore descrita por Bosi (1977), a crítica de Angélica Freitas age como influxos nos poemas sobrevivendo ao que é naturalizado no discurso social e reagindo contra este discurso de maneira sutil e eficaz. Nisso reside a estranheza desses 3 poemas. Eles configuram o confronto entre o que é naturalizado socialmente consigo mesmo. Daí advém o caráter autorreflexivo dos poemas, que não só criticam algo olhando de fora, mas, entende-se que, partindo do *mesmo* para o *mesmo*, o processo de autorreflexão os transforma em outra *coisa*, ou seja, assinalando os papéis relegados ao feminino pela sociedade, atinge-se a sua subversão ou, ao menos, possibilidades de transformação e de se livrar de estereótipos arraigados no seio da humanidade de todas as épocas.

Na era digital, a impossibilidade das antigas revoluções, a estagnação do sujeito perante as novas formas de controle social manifesta-se, também, nestes poemas que escolheram “emergir” do google. O filósofo Esloveno Slavoj Žižek (1996) argumenta que as antigas estruturas repressivas eram sustentadas por um poder centralizador, expresso geralmente pelas sociedades autoritárias. Este poder se transmutou com a ascensão do neoliberalismo. Isto significa que as antigas formas repressivas e autoritárias se transformaram em novas formas que buscam a sedução do sujeito. Esse novo método procura conformar o sujeito, configurando o nada-dizer e o nada-fazer descrito por Jean Baudrillard (2004), o qual pode resumir-se à imobilidade que é sustentada pelo virtual.

Este é um dos temas que são discutidos pela *forma* dos “3 poemas com auxílio do google”. É interessante fazer algumas constatações acerca da forma, pois algumas delas assumem a concepção de que a ideologia é sempre clara, quanto mais límpido parece o

objeto mais ideológico ele o é. E nisso não reside a ideia de um empecilho para se ver o *real*, como a concepção adorniana propõe³. O entendimento de que a ideologia aparece no momento em que se pensa deixá-la para trás, de acordo com Zizek (1996), acontece justamente no momento em que a ideologia “parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse” (Zizek, 1996, p. 9). Esse filósofo conclui que “*a ideologia nada tem a ver com a ‘ilusão’*, como uma representação equivocada e distorcida de seu conteúdo social” (Zizek, 1996, p. 12, grifos nossos).

Dessa maneira, pela leitura efetuada neste artigo, a forma natural que é expressa pelos poemas é a googlagem, que se disfarça de algo não-ideológico, quando na verdade expressa preconceitos e estigmas sociais. Mas a atitude do eu-lírico também é ideológica, no entanto, age no interior da própria ideologia, no interior daquilo que aparece como verdade a todos. É importante ressaltar que a atitude consciente do eu-lírico reflete numa escolha, ideologicamente marcada, pela luta por um discurso hegemônico. Zizek (1996) aponta que o lugar da crítica à ideologia não deve ser preenchido por nenhuma realidade determinada, para ele, “no momento em que cedemos a essa tentação, voltamos à ideologia” (Zizek, 1996, p. 23). Portanto, há uma dualidade evidente, o não preenchimento do estilo googlagem é uma forma de se fazer uma crítica à ideologia, porém, pode-se, também, entender a organização dos versos como uma opção ideológica.

Olhando para um contexto mais amplo, os interesses ideológicos da autora são evidentes, mas uma crítica à ideologia é feita. Ao mesmo tempo em que se têm uma atitude ideológica pelo ordenamento do conteúdo visto nos poemas, se têm uma atitude crítica, pois ela não busca preencher o *vazio* – lacuna –, ao menos não em termos estéticos. A luta pelo discurso hegemônico vem por intermédio da demonstração de que aquele discurso combatido seria “errado” ou “indevido” por si mesmo, por isto a googlagem. Acrescenta-se, para maior esclarecimento do que foi exposto, o seguinte excerto de Zizek (1996):

A tradição “progressista” também atesta numerosas tentativas de conceber o antagonismo (social, de classes) como a coexistência de duas entidades positivas opostas: desde um certo tipo de marxismo “dogmático”, que coloca “sua” ciência burguesa e “nossa” ciência proletária lado a lado, até um certo tipo de feminismo que coloca o discurso masculino e o discurso (ou o “texto”) feminino lado a lado. Longe de serem “extremadas demais”, essas tentativas, ao contrário, não são suficientemente extremadas: elas pressupõem como seu lugar de enunciação um terceiro ambiente, neutro, no qual os dois pólos coexistem; ou seja, recuam ante as consequências do fato de que não existe ponto de convergência, não existe nenhum campo neutro compartilhado pelas duas posições antagônicas, sexuais ou de classe. No que concerne à ciência, esta, é claro, não é neutra, no sentido de um conhecimento objetivo que não seja afetado pela luta de classes e esteja à disposição de todas as classes, mas, por essa mesma razão, ela é *uma*; não existem duas ciências, e a luta de classes é precisamente a luta por essa ciência, por quem irá apropriar-se dela. O mesmo acontece com o “discurso”: não existem dois discursos, “masculino” e “feminino”; há um único discurso,

3 De acordo com Adorno, a ideologia é uma inverdade, ou seja, ela mascara a verdade que deve ser desvelada pelo objeto artístico verdadeiro, dessa forma a ideologia é uma falsa consciência e, segundo esse filósofo alemão, a obra de arte “têm sua grandeza unicamente em deixarem falar aquilo que a ideologia esconde. Seu próprio êxito, quer elas queiram ou não, passa além da falsa consciência” (Adorno, 2003, p. 68).

clivado por dentro pelo antagonismo sexual – isto é, fornecendo o “terreno” em que é travada a batalha pela hegemonia. (Zizek, 1996, p. 28-29, grifo do autor)

Portanto, como pode ser lido no fragmento supramencionado, há uma luta pelo domínio do discurso. Zizek (1996) defende que desta forma, toda luta de poder concorre para a ascensão do feminismo, que se daria na luta pela hegemonia do discurso. Sendo assim, o efeito que Angélica Freitas pretende criar é o de demonstrar que o visível nem sempre é percebido ou realmente visto pelos olhos de quem observa. Dessa forma, a autora trava uma luta – interna – pela hegemonia do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A suposta fragilidade feminina, os preconceitos sofridos e os estigmas sociais enfrentados pelas mulheres são armas utilizadas pela poetisa Angélica Freitas para combater esses mesmos males por meio de uma expressão poética que consegue implodir essas vicissitudes, expondo-as e desconstruindo-as por intermédio do seu discurso poético, conforme consta no poema “a mulher vai”.

Em “a mulher pensa”, detecta-se que a figura feminina transita por duas polaridades – a do pensamento e a da emoção – as quais vão modular e impactar sua existência de forma perene, apontando para a sensibilidade e o universo de possibilidades que permeiam as trajetórias femininas.

Os desejos, as vontades, as esperanças, a liberdade e o poder de decisão são os elementos que se interconectam e se complementam na ação almejada pela voz lírica nos versos de “a mulher quer” e indicam que a figura feminina pode alcançar a sua liberdade e, ao conseguir isso, deverá decidir o que fazer, depois de atingir essa conquista.

Além disso, uma questão relevante nos poemas analisados diz respeito à ideologia, que é difundida na internet e por todos os meios de comunicação. Ao acercar-se das problemáticas vivenciadas pelas mulheres na contemporaneidade e as ideologias propagadas efusivamente no nosso cotidiano, a poeta gaúcha consegue desprender-se daquilo que é naturalizado pelas redes sociais por intermédio do seu ofício do poeta. E para qual conclusão isso aponta? ao fato de que o trabalho poético de Angélica Freitas transcende a temática que lhe é inerente. Dessa forma, a poeta logra não só questionar os valores sociais vigentes, como também a própria forma do poema, onde tece uma crítica ao que foi socialmente naturalizado, sem recair no banal ou no clichê. Por isso, este artigo, considera a seção 5 do livro – “3 poemas com auxílio do google” – como a parte de maior destaque dentro da obra *Um útero é do tamanho de um punho*, já que ela consegue revigorar temáticas já cantadas e decantadas em poemas de todas as épocas, como é o caso dos problemas e dilemas que tangenciam e se perpetuam na realidade feminina.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, M. Hoje na História: 1873 – Poeta Paul Verlaine é condenado por atirar em Rimbaud. **Opera Mundi**. 8 de ago. 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/14161/hoje-na-historia-1873-poeta-paul-verlaine-e-condenado-por-atirar-em-rimbaud>. Acesso em: 24 dez. 2023.

- ADORNO, T. Palestra sobre lírica e sociedade. *In*: ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura 1**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.
- BAUDRILLARD, J. **Telemorfose**. Tradução de Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- BOSI, A. Poesia e Resistência. *In*: BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CHKLÓVSKI, V. Arte como procedimento. Tradução David G. Molina. **Revista de literatura e cultura russa**, v. 10, n. 14, p.153-176, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/153989>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- FREITAS, A. 3 poemas com auxílio do Google. *In*: FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- FREITAS, A. A mulher é: uma googlagem. **Revista da Rede Internacional Lyracompoetics**, n. 7, p. 353-356, jun. 2016. Disponível em: <https://elyra.org/index.php/elyra/issue/view/11>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- FREUD, S. Tabu e Ambivalência Emocional. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HAN, Byung-CHUL. **Capitalismo e Impulso de Morte**: ensaios e entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- HANZEN, E. Feminismo e ironia na poesia de Angélica Freitas. **Jornal da Universidade** – UFRGS, 1 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/feminismo-e-ironia-na-poesia-de-angelica-freitas/>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- HAYASHI, G. J. I. Acerca de “3 poemas com auxílio do Google” de Angélica Freitas. **Fórum de Literatura brasileira**, vol. 7, no. 13, 2015, pp. 91-112.
- SHADE, Robert; PAIS, Vitória Ravazio. Todos nós googlamos: a dialogia na poesia de Angélica Freitas. **Texto Poético**, v. 19, n. 38, p. 30-49, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/933/593>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.